



VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS DE UMA ESCOLA NA REGIÃO DA COSTA VERDE (RJ)

Renata de Souza Carvalhaes¹
Claudia Mercedes Mora Cárdenas²

Resumo

Estudos sobre a violência nas relações afetivo-sexuais na juventude apontam desafios como a própria definição de violência, o acesso aos jovens e a baixa visibilidade do tema. Tendo em vista estas lacunas, a presente pesquisa de mestrado em saúde coletiva, em andamento, objetiva analisar o modo como a violência aparece nas relações afetivo-sexuais e como são interpretadas por jovens de uma escola estadual da região Costa Verde do estado do Rio de Janeiro. O trabalho de campo será realizado pela observação participante na escola e entrevistas em profundidade com moças e rapazes entre 18 e 24 anos, com foco nas suas trajetórias sexuais. Os resultados do estudo podem contribuir com a formulação de políticas públicas e de ações e projetos de prevenção à violência nos relacionamentos de jovens.

Palavras-chave: Juventude, relação afetivo-sexual e violência.

Introdução

A violência é uma das possíveis expressões sociais do ser humano e por ser atravessada e influenciada por fatores históricos e culturais, ela pode assolar as sociedades de maneiras distintas, cada uma com suas peculiaridades.

A Violência juvenil é um tema associado às violências praticadas por adolescentes e jovens, como as violências de gangues, nas escolas e ruas. Ela está entre os tipos de violência mais visíveis da sociedade (KRUG et al, 2002). Já as violências sofridas nos relacionamentos desses sujeitos dificilmente são citadas.


Esse tipo de violência, até então parece ter sido parcamente analisada. Sob o olhar acadêmico ainda é um tema incipiente. No Brasil existem poucas produções sobre o tema e não existe uma política pública consolidada sobre a questão.

Caridade e Machado (2006) destacam três pontos frágeis para pesquisar relações violentas nos relacionamentos entre adolescentes: a própria definição de violência; a dificuldade de acessar a população jovem, e a escassa produção acadêmica sobre o tema.

¹ Mestrado em andamento, Instituto de Medicina Social/UERJ, rcarvalhaes@gmail.com.

² Doutorado, Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, claudiamoraca@hotmail.com.





As violências podem se dar de diversas formas e ocorrer simultaneamente, tanto meninos quanto meninas podem ser perpetradores e vítimas da violência e as taxas das agressões praticada por ambos são similares (Oliveira et al., 2011 e CARIDADE; MACHADO, 2006). Estes dados trazem um novo prisma ao conceber as violências sofridas pelos rapazes, pois até então os estudos sobre violências entre parceiros adultos, seja no namoro ou na conjugalidade, colocavam com frequência a mulher como a vítima.

Parte das pesquisas se preocupam principalmente em levantar as prevalências, tipologias e características da violência a partir de pressupostos, como por exemplo, a predominância das ações e a prevalência de cada gênero frente a cada tipo de violência. Contudo, também é necessário ir além das definições preestabelecidas pelos “especialistas” em violência e das definições a priori da adolescência e da sexualidade como um “problema social” (LENOIR, 1996).

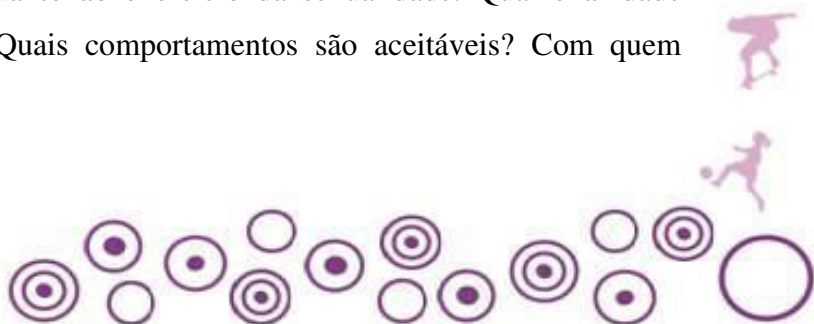
Diante da baixa visibilidade da temática, que no contexto brasileiro ainda não é colocada como uma problemática social, é imprescindível compreender a importância de alargar os conceitos de violência. Uma vez que estes nem sempre são apreendidos pelos adolescentes nos relacionamentos. Isto posto, cabe perguntar: O que os jovens interpretam e entendem como violência nas suas trajetórias afetivo-sexuais?


Esse projeto visa compreender as violências nas relações afetivo-sexuais a partir da trajetória da sexualidade na adolescência sob a perspectiva de jovens de uma escola estadual da região Costa Verde do estado do Rio de Janeiro.

Sexualidade e violência

Adolescentes e jovens vivem sua sexualidade, contudo, socialmente a aceitação desse exercício carrega em seu bojo tensões e contradições. Segundo Leite (2012), o aparecimento do paradigma das crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, surgiu com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 e serviu de base para um debate acerca da possibilidade de adolescentes serem detentores de direitos sexuais.

A adolescência é compreendida como o momento do despertar da sexualidade, alguns estudos nacionais apontam que as interações neste âmbito iniciam cada vez mais cedo. A sexualidade acaba sendo um forte condutor das etapas da vida, de comportamentos aceitos ou não, porém não existe um consenso quanto ao exercício da sexualidade. Qual é a idade concebível para viver a sexualidade? Quais comportamentos são aceitáveis? Com quem podem se relacionar?





Heilborn (2006; 2012) destaca que o exercício da sexualidade estimula a criação de autonomia individual, um maior conhecimento de si, e o estabelecimento de vínculos e aprendizados afetivos-sexuais que propiciam processos de singularidades no sujeito. Permite ainda, a ampliação dos vínculos interpessoais para além da família e dos amigos e vão fortalecendo as representações, valores e comportamentos referentes ao gênero e à sexualidade.

A sexualidade vai sendo tecida a partir das experimentações, as trocas de afeto, o desejo, a busca por prazeres, a exploração do próprio corpo e do corpo do outro, as vinculações emocionais, e estas ao mesmo tempo que geram aprendizagens também são influenciadas por conhecimentos vindos do meio social, família, amigos, religião, mídia e hoje com forte influência das redes sociais. A partir das práticas e dos aprendizados afetivo – sexuais vão sendo criados repertórios comportamentais, psicológicos, históricos e culturais que podem ser chamados de roteiros sexuais. (GAGNON, 2006).

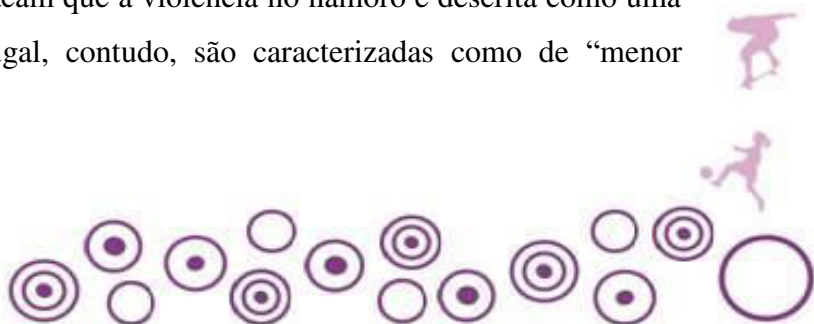
As interpretações das experiências afetivo-sexuais ajudam a esboçar o que é do “feminino” e do “masculino” e apontam que a sexualidade possui pesos diferentes conforme o gênero. A maneira como cada um entende e aprende essas performances demarca formas diferentes de exercer a sexualidade e as regras de negociação na relação (HEIBORN et al., 2006).


Com base no marco conceitual acima esboçado, a pesquisa parte do pressuposto de que Compreender a trajetória da sexualidade dos jovens, desde o início das experiências afetivo-sexuais, os aprendizados e as normas hegemônicas de gênero e sexualidade são elementos importantes para apreender a violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e jovens.

A literatura sobre violência nos relacionamentos de adolescentes e jovens levantam pontos importantes para problematização do tema, a saber: a semelhança com violência em relacionamentos conjugais; o grau de gravidade; fatores de risco; motivadores da violência e a simetria/assimetria.

Segundo Castro e Casique (2010), a violência no namoro se dá nos atos, omissões, atitudes que produzam ou tenham potencial de gerar dano emocional, físico e sexual ao parceiro afetivo-sexual, na ausência de vínculo marital.

Caridade e Machado (2006) destacam que a violência no namoro é descrita como uma dinâmica semelhante à violência conjugal, contudo, são caracterizadas como de “menor gravidade”.





Segundo Oliveira (2011), não é possível comparar as relações de jovens a de adultos, uma vez que as relações afetivo-sexuais dos jovens são estabelecidas com diferentes formas de envolvimento, duração, compromisso, grau de intimidade sexual e forma de resolução de conflitos.

Quanto à violência dos jovens ser de “menor gravidade”, Nascimento (2009) assinala que esta afirmação está mais atrelada a uma categoria legal e de classificação de tipos de violência do que da gravidade do fato em si. Para Castro e Casique (2010) existe uma problemática para aferir a gravidade das violências sexuais e psicológicas, há uma dificuldade instrumental para observar, medir e caracterizar. Por conseguinte, a gravidade da violência geralmente é medida a partir do dano físico provocado, com isto não é possível aferir a gravidade e dimensões que de fato estas ações podem vir a atingir.

Para compreender a violência é fundamental considerar uma série de fatores que a envolve como a dinâmica da relação, o contexto social, histórico, econômico, de raça e de gênero. Bem como captar as diferentes percepções e significados sobre a violência, entendendo que há diversas formas de manifestar, interpretar e senti-la.


As pesquisas de Caridade e Machado (2006), Castro e Casique (2010) e Oliveira et al. (2011) convergem ao especificar que a violência que mais ocorre é a psicológica, seguida da violência sexual e posteriormente a violência física, entretanto, a violência física é a que possui maior visibilidade devido à dificuldade de mensuração das outras violências.

Vários estudos também coadunam quanto os fatores de risco para o acontecimento de violências nas relações afetivo-sexuais, a seguir: a duração do relacionamento, quanto maior a duração cresce o risco de ocorrer em maior frequência e/ou agravos; idade, quanto mais novos mais propícios a maiores danos físicos e psicológicos; raça; condições socioeconômicas; renda familiar; vivenciar violência intrafamiliar; uso abusivo de álcool e drogas; desigualdades de gênero; baixa auto-estima; as prévias experiências afetivas e sexuais; grau de envolvimento na relação; comunicação interpessoal; habilidade para resolução de problemas; isolamento social; banalização da violência entre parceiros e tolerância à violência (TAYLOR, 2017; OLIVEIRA, 2011; NASCIMENTO, 2009).

De modo geral, os motivadores da violência que mais ganham destaque são o ciúme, o controle do outro, a traição, o término da relação, a dificuldade de resolver conflitos e lidar com as próprias emoções, como a raiva. (GOMES, 2011; MACHADO e CARIDADE, 2013)

Outra consonância sobre violência em relações afetivo-sexuais de adolescentes e jovens nos estudos realizados e nos levantamentos bibliográficos feitos por Caridade e Machado (2006), Oliveira et al. (2011) e Nascimento (2009) é o fato de não haver diferenças





percentuais significativas da violência perpetrada por rapazes e moças. Existem leituras distintas acerca das violências nas relações afetivas entre adolescentes e jovens serem simétricas ou assimétricas.

Nascimento (2009) coloca que os autores que defendem a simetria da violência justificam que ela é decorrente de um desejo de dominação, independente do sexo do parceiro. Ela acrescenta que as maiores críticas das análises simétricas se dão a não contextualização das violências. Quanto à assimetria da violência, Nascimento (2009) diz que os defensores debatem as relações de gênero, fazendo uma discussão mais ampla da violência e os fatores que as sustentam nas relações sociais.

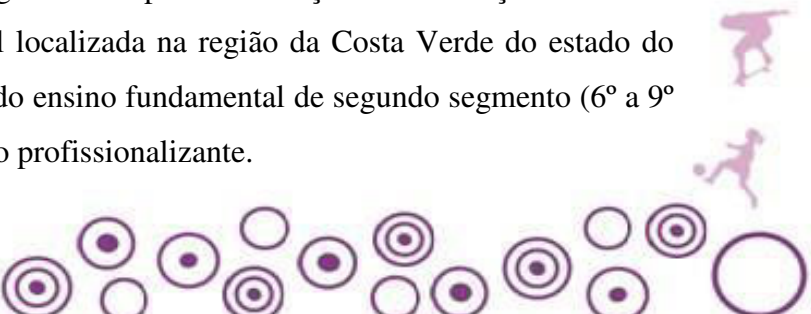
Gregori (1993), ao falar de “violência relacional” traz uma perspectiva que permite conceber que as meninas e mulheres também são agentes de violência. A autora salienta a importância de pensar para além de dualidades de vítima e algoz, mas nas agências que se mobilizam no desenrolar das relações violentas. Ela assinala que é importante compreender os padrões de comportamento não como algo estático, mas com mobilidade e, é imprescindível analisar o contexto, entender as ambiguidades e tensões nas relações de gênero.


Conceber que ambos os sexos praticam violência em seus relacionamentos não diminui a importância de estar atento ao funcionamento das normas hegemônicas de gênero e sexualidade e ao modo como elas podem influenciar nos comportamentos abusivos. Para analisar a violência é necessário olhar de modo mais abrangente e captar como se renovam as relações de gênero. De fato, no escopo da presente pesquisa não apenas interessam as narrativas dos relacionamentos tidos como heterossexuais, as experiências homo e bissexuais também integram o objetivo da pesquisa.

Alguns estudos (CARIDADE e MACHADO, 2009; OLIVEIRA et al. 2011) sinalizam que os adolescentes e jovens não costumam buscar auxílio quando experienciam violência em suas relações. A resistência em buscar auxílio pode se dar pelo medo de serem culpabilizados; o receio de não serem ajudados e medo de punição por parte da família, principalmente quando estes não têm ciência da relação.

Metodologia

Este estudo concebe a escola como um local de acesso aos jovens, bem como um espaço de socialização e sociabilidade significativo para observação. A instituição onde será feita esta pesquisa é uma escola estadual localizada na região da Costa Verde do estado do Rio de Janeiro. A unidade possui alunos do ensino fundamental de segundo segmento (6º a 9º ano), ensino médio regular e ensino médio profissionalizante.



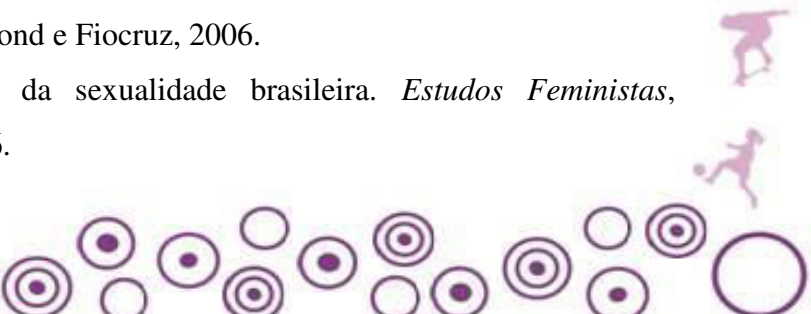



A pesquisa será de cunho etnográfico e utilizará das técnicas de observação participante do ambiente escolar e trajetórias de vida. Serão realizadas entrevistas em profundidade com seis jovens entre 18 e 24 anos, distribuídos entre moças e rapazes, podendo se identificar ou relatar experiências homossexuais, bissexuais e heterossexuais.

Considerações Finais

Os estudos sobre violência nas relações afetivo-sexuais de jovens mostram que é importante se debruçar sobre a temática e problematizar as lacunas ainda existentes. Para compreender a violência é essencial identificar os padrões culturais que interferem diretamente e norteiam as relações, seus significados e concepções, observar elementos e características específicas da adolescência e das formas de se relacionar nesta fase. Portanto, esta pesquisa busca contribuir com a produção científica, com uma leitura da violência nos relacionamentos na adolescência a partir da perspectiva do olhar dos jovens, procura ainda cooperar para a ampliação da visibilidade deste tema. Os resultados do estudo podem vir a contribuir com a formulação de políticas públicas e de ações e projetos de prevenção à violência nos relacionamentos de jovens.

Referências

- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF.
- CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, vol. 24, nº 4: 485-493, 2006.
- CASTRO, R.; CASIQUE, I. *Violencia em el noviazgo entre los jóvenes mexicanos*. Cuernavaca: UNAM, CRIM, 2010.
- GAGNON, J. Introdução In: *Uma interpretação do desejo*. Gagnon J. 2006. Relumé Dumará.
- GOMES, R. et al. Entre o 'Ficar' e o Namorar: relações afetivo-sexuais. IN: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2011.
- GREGORI, M. F. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1993.
- HEILBORN, M. L. et al. *O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Garamond e Fiocruz, 2006.
- HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (1): 336, jan – abr/ 2006.
- 



_____. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. *Psicologia Clínica*, vol.24, nº1, p. 57-68. Rio de Janeiro, 2012.

KRUG, E. G. et al. *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Organização Mundial da Saúde. Genebra, 2002.

LEITE, V. A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. *Psicologia Clínica*, vol. 24, N.1, p. 89 – 103. Rio de Janeiro, 2012.

LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In: MERLLIÉ, D. et al. *Iniciação à Prática sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 59-106.

NASCIMENTO, F. S. Namoro e Violência: um estudo sobre amor, namoro e violência para jovens de grupos populares e camadas médias. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal de Pernambuco, CFCH – Psicologia, 2009.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Violências nas Relações Afetivo-Sexuais. IN: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2011.

TAYLOR, A. et al. Violência em Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes no Brasil e em Honduras: *Resumo Executivo Promundo & Inter-American Development Bank*. Editors: Clara Alemann, Monserrat Bustelo, 2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

